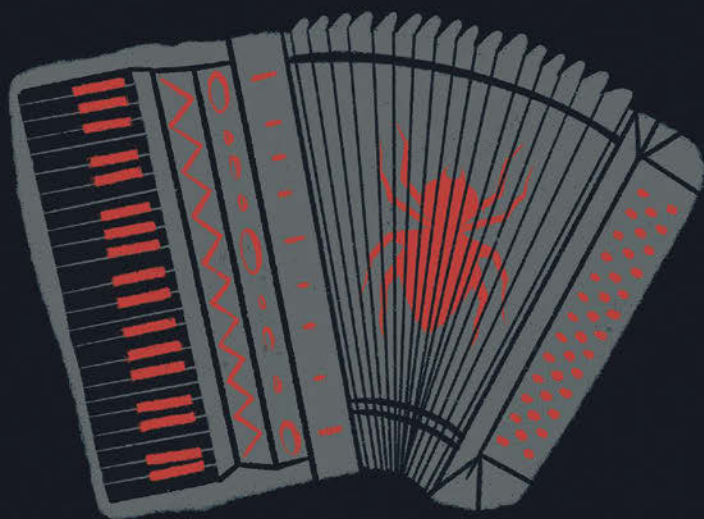


PRÉMIO NOBEL DE LITERATURA

# LÁSZLÓ KRASZNAHORKAI

## O Tango de Satanás



cavalo de ferro

*Então prefiro desencontrar-me dela, esperando.*

F. K.

## PRIMEIRA PARTE

# I

## A NOTÍCIA DE QUE CHEGAM

Uma manhã de finais de Outubro, pouco antes de as primeiras bátegas das intermináveis e impiedosas chuvas de Outono começarem a cair no solo gretado e salino, a oeste da exploração (antes de um mar de lama pútrida tornar intransitáveis os caminhos vicinais e deixar inacessível também a cidade até às primeiras geadas), Futaki acordou ao toque dos sinos. Mais próxima, cerca de quatro quilómetros para sudoeste, junto às antigas terras dos Hochmeiss, erguia-se uma ermida solitária, mas essa não só não tinha sino, como o próprio campanário ruíra durante a guerra, e a cidade estava demasiado longe para que ali chegasse algum som. Além disso, esse repique de sinos, essa revoada de sons triunfais parecia não muito distante («Como se os toques viessem dos lados do moinho...»), mais parecendo que o vento os arrastara até ali. Apoiou-se na almofada para olhar pelo postigo da janela da cozinha, mas, para lá do vidro meio embaciado, banhado no azul da aurora e no eco moribundo das badaladas, a cooperativa mantinha-se silenciosa e impassível: do outro lado, no meio das casas dispersas, somente a cortina da janela do doutor filtrava luz, pois havia largos anos que ele era incapaz de dormir na escuridão. Susteve a respiração para não perder um único, desgarrado e diluído toque, naquele rebate de sinos, porque gostaria de

conhecer a verdade («É evidente que ainda dormes, Futaki...»), e por isso qualquer som, por mais ténue e remoto, lhe era necessário. Nos seus lendários passos de felino, coxeou no gélido chão de ladrilhos da cozinha («Mas, então, mais ninguém está acordado? Ninguém ouve? Mais ninguém?»), abriu as portadas da janela e debruçou-se. Um ar húmido e glacial vergastou-o, e foi forçado a fechar os olhos por um instante; por mais que prestasse atenção ao canto de um galo, a latidos lá longe, ao uivar furioso do vento que se tinha levantado minutos antes, tudo se reduzia agora a um silêncio profundo, e só ouvia as batidas surdas do coração, como se aquilo não passasse de um jogo de fantasmas naquela meia sonolência, como se («... alguém me quisesse assustar»). Observou, triste, o céu ameaçador, os restos queimados de um Verão infestado de gafanhotos, e, subitamente, no mesmo ramo de acácia, viu desfilar a Primavera, o Verão, o Outono e o Inverno, como se percebesse a totalidade do tempo, qual engano de farsa que, na esfera imóvel da eternidade, dando a ilusão de atravessar a descontinuidade do caos, e criando a satânica ficção de um percurso em linha recta, fizesse acreditar na inelutabilidade da loucura... e viu-se a si mesmo numa cruz de madeira conjugando berço e caixão, contraindo-se de dor, antes de uma sentença secamente pronunciada o entregar, despojado — sem sinais distintivos, nem identificação —, nas mãos dos lavadores de cadáveres, às risadas dos magarefes, para, sem indulgência, comprovar a verdadeira medida das coisas humanas, e concluir que nenhum caminho o poderia trazer de volta, porque então já devia saber que entrara num jogo com as cartas marcadas, em partida perdida de antemão, a qual lhe roubara o último trunfo, a esperança de um dia poder regressar a casa. Voltou a cabeça para a zona oriental da exploração, cujos edifícios, antes sobrelotados e ruidosos, agora derruíam abandonados, e observou amargamente como os primeiros raios de um sol vermelho e inchado entravam pelas vigas de um telhado desfeito em quinta

ao abandono. «Há que decidir de uma vez por todas. Não posso ficar aqui.» Enfiou-se de novo no edredão quente, apoiou a cabeça no braço, sem todavia conseguir fechar os olhos; aqueles toques fantasmáticos apavoravam-no, e mais ainda esse silêncio repentino, essa inquietante mudez, porque agora sentia que tudo poderia acontecer. Mas nada se moveu, tal como ele permaneceu imóvel na cama, até ao momento em que os objectos silenciosos que o rodeavam se lançaram numa conversa nervosa (o aparador rangeu, uma panela tiniu, deslizou para o seu lugar um prato de porcelana), quando, de repente, voltou as costas ao suor que exalava a senhora Schmidt, tateou o copo de água ao lado da cama e bebeu de um trago. O gesto libertou-o daquele medo infantil; suspirou, enxugou a testa, e como sabia que Schmidt e Kráner só agora deviam começar a reunir o gado, para o conduzirem de Szikes até aos estábulos de Gazdaság<sup>1</sup>, a norte da cooperativa, onde por fim receberiam a paga de oito duros meses de trabalho, e portanto iriam demorar umas boas horas até chegarem, procurou dormir um pouco mais. Fechou os olhos, virou-se de lado, abraçou a mulher, e estava quase a adormecer quando ouviu de novo os sinos. «Por amor de Deus!» Afastou o edredão, mas, no exacto momento em que os pés descalços e nodosos tocaram o chão da cozinha, o som cessou instantaneamente, como se («Alguém tivesse feito um sinal...»)... Curvado, sentou-se na beira da cama, com as mãos cruzadas no peito, e fixou o copo vazio; tinha a garganta seca, doía-lhe a perna direita, e já não se atrevia a deitar-se de novo, nem a levantar-se. «Vou-me embora amanhã, o mais tardar.» Os olhos perscrutaram os diferentes objectos que na desolada cozinha ainda podiam ter uso: o fogão a lenha sujo de gordura e restos de comida queimada, o cesto sem

1 Oposição entre dois universos, aqui em maiúsculas: *szikes* é a terra sódica, salina, isto é, pobre; *gazdaság*, por sua vez, significa riqueza, opulência. [Todas as notas são do tradutor.]

asas em baixo, a mesa com a perna coxa, as imagens sagradas, cobertas de pó, suspensas da parede, confusão de panelas e marmitas amontoadas num canto, junto à porta, e por fim virou-se para a minúscula janela agora afogada em luz, viu os ramos nus da acácia dobrando-se à sua frente, o telhado afundado da casa dos Halics, a chaminé derrubada, reparou no fumo que dela saía, e disse: «Pego na minha parte, e é ainda esta noite!... O mais tardar amanhã. Amanhã de manhã.» «Ai, meu Deus!», despertou ao lado, sobressaltada, a senhora Schmidt, e, espavorida, olhava em volta na penumbra, os seios arfando, agitada, mas, ao ver que tudo lhe era familiar, soltou um suspiro de alívio e deixou-se cair novamente na almofada. «Que há: tiveste um pesadelo?», perguntou Futaki. Ainda assustada, a senhora Schmidt fixava o tecto. «Deus do Céu, foi bem pior!», suspirou de novo, e pôs a mão sobre o coração. «É cá uma coisa!... Imagina... Estava eu aqui sentada no quarto... e, de repente, alguém batia à janela. Sem me atrever a abrir, aproximei-me e espreitei pela cortina. Só lhe via as costas, porque ele já puxava pela maçaneta... e uma boca urrava, mas eu não conseguia perceber o quê... tinha a barba por fazer, e os olhos pareciam ser de vidro... era horrível... Então, lembrei-me de que à noite só dera uma volta à chave, mas sabia que era tarde demais para dar uma segunda... e por isso bati rapidamente com a porta da cozinha, mas aí dei-me conta de que não tinha a chave... Comecei a gritar, mas nenhum som me saía da garganta. Depois... não me recordo... porquê ou para quê, mas... de repente vi a senhora Halics à janela, a sorrir, escarninha... sabes como é quando fazes pouco de alguém?... resumindo, olhava espantada para a cozinha... e então, não sei como... desapareceu... mas nesse instante já o outro dava pontapés na porta lá fora, eu sabia que deitá-la abaixo era uma questão de minutos, e lembrei-me da faca do pão, corri para o aparador, mas a gaveta estava encravada, ainda forcei... parecia-me que ia morrer ali de medo... e ouvi então um grande estrondo da

porta que cedia, e alguém vinha já pelo corredor... e eu continuava sem conseguir abrir a gaveta... e ele estava ali, à entrada da cozinha... consegui finalmente abrir a gaveta, agarrei na faca enquanto ele se aproximava, gesticulando... mas não sei... subitamente ele estava deitado ali ao canto, debaixo da janela... ah, sim, e com uma data de panelas azuis e vermelhas à sua volta, porque tinham voado todas pela cozinha... e senti então que o pavimento se movia debaixo dos meus pés, imagina, e que a cozinha andava como um automóvel... e depois já não sei bem o que aconteceu...», concluiu, e soltou uma risada de alívio. «Estamos bem arranjados!», Futaki meneava a cabeça. «Imagina que eu acordei ao toque dos sinos...» «O quê?!» A mulher fixava-o, assombrada. «Ao toque dos sinos? Onde?» «Ah, isso também gostava de saber. E logo duas vezes, uma a seguir à outra...» Também a senhora Schmidt sacudia a cabeça. «Ainda dás em doido.» «Bem vistas as coisas, se calhar eu também só sonhei», murmurou Futaki, inquieto. «Ouve, hoje vai dar-se qualquer coisa...» A mulher, mal-humorada, virou-lhe as costas. «Dizes sempre o mesmo, já era tempo de acabares com essa história.» Nesse preciso instante, ouviram ranger o portão das traseiras. Olharam-se, assustados. «Só pode ser ele!», sussurrou a senhora Schmidt. «Sinto que é ele.» Futaki ergueu-se, nervoso. «Mas... isso é impossível! Não podem estar já de volta...» «Eu sei lá, se...! Safa-te já!» Ele saltou da cama, apanhou a roupa, escondeu-se rapidamente atrás da porta do quarto e vestiu-se. «A bengala. Deixei a minha bengala lá fora.» Os Schmidt não se serviam deste quarto desde a Primavera. Primeiro, um bolor verde cobrira as paredes, antes de invadir o armário, vetusto mas regularmente polido, onde a roupa, toalhas e lençóis ganhavam mofo, e em algumas semanas oxidara os talheres guardados para as ocasiões solenes, e logo as pernas da grande mesa com a sua toalha bordada se desconjuntaram, seguindo-se os cortinados, que amareleceram, e quando um dia o contador da luz explodiu,



mudaram-se de vez para a cozinha, deixando o quarto em poder dos ratos e das aranhas, pois nada mais havia a fazer. Apoiado ao batente da porta, ele pensava em como sair dali sem ser visto; mas a situação parecia desesperada, porque para se escapulir teria de atravessar obrigatoriamente a cozinha, e quanto a sair pela janela, sentia-se demasiado velho para isso, além de que a senhora Kráner ou a senhora Halics não deixariam de o ver, pois tinham sempre um olho colado ao que acontecia lá fora. Por outro lado, a bengala, se Schmidt a descobrisse, trairia imediatamente a sua presença naquela casa, o que poderia levar a que ele não recebesse o dinheiro que lhe era devido, pois sabia que Schmidt, nesta matéria, não era para brincadeiras, e por isso teria de abalar tal como sete anos antes — pouco depois da campanha de propaganda, dois meses após a inauguração — ali chegara, com as calças esfarrapadas, um casaco desbotado, os bolsos vazios e, para cúmulo, faminto. A senhora Schmidt precipitou-se para o corredor enquanto ele colava o ouvido à porta. «Nada de choraminguices, minha gatinha!», ouviu dizer a Schmidt na sua voz rouca. «Tu fazes o que eu digo. Está claro?» Futaki afogou-se numa onda de calor. «O meu dinheiro.» Sentiu-se apanhado numa armadilha. Mas não havia muito tempo para reflexões, pelo que decidiu escalar a janela, pois «é preciso agir de imediato». Já dera a volta ao trinco da janela, quando ouviu os passos de Schmidt no corredor. «Vai mijar!» Na ponta dos pés, voltou atrás, à porta, e aguçou o ouvido, respiração suspensa. E quando a porta que dava para o quintal se fechou atrás de Schmidt, deslizou com mil cautelas para a cozinha, mediu de alto a baixo uma senhora Schmidt que gesticulava nervosa e, sem ruído, correu para a saída, desapareceu num ápice, e só quando teve a certeza de que o companheiro voltara bateu com insistência à porta, como quem acabava de chegar. «Então, não está ninguém em casa? Schmidt, meu amigo!», gritou

numa voz estridente, e de imediato – sem lhe dar tempo de fugir – abriu a porta, já Schmidt saía da cozinha para se esgueirar pela porta de trás, e cortou-lhe a passagem. «Ora, ora!», começou em tom de gozo. «Para que é tanta pressa, amigo?» Schmidt não conseguia balbuciar palavra. «Ora, eu já te digo! Eu vou ajudar-te, amigo, vou ajudar-te, não tenhas medo!», prosseguiu com uma expressão sombria. «Querias fugir com o dinheiro! Não é verdade? Acertei?» E enquanto Schmidt pesanejava, sem dizer nada, sacudiu a cabeça. «Ora, amigo. Quem haveria de dizer.» Regressaram à cozinha e sentaram-se à mesa, frente a frente. A senhora Schmidt, tensa, afadigava-se junto ao fogão. «Ouve, meu amigo...», começou Schmidt, entaralado. «Eu posso explicar...» Futaki fez um gesto de desprezo. «Não vale a pena. Já percebi! Diz-me: Kráner também está na jogada?» Relutante, Schmidt assentiu. «Cinquenta-cinquenta.» «Filho da mãe!», rugiu Futaki. «Queriam dar-me a volta.» Baixou a cabeça. Reflectia. «Bem, e agora? Como vai ser?», perguntou. Schmidt abriu os braços, irritado. «Como vai ser? Também entras, amigo.» «O que queres dizer?», quis saber Futaki, e pôs-se a fazer contas de cabeça. «Divide-se por três», respondeu Schmidt a contragosto. «Só que não dás à língua.» «Quanto a isso, não tens nada que recear.» A senhora Schmidt suspirou junto ao fogão. «Perderam o juízo. Julgam que se podem safar assim?» Schmidt, como se não tivesse ouvido, cravou os olhos no rosto de Futaki. «Bem, não podes dizer que a coisa não ficou clara. Mas quero dizer-te mais uma coisa, meu amigo. Tu não me arruínas!» «Já nos pusemos de acordo, não?!» «Claro, não se fala mais nisso!», continuou Schmidt, e a sua voz fez-se suplicante. «Só peço que... me emprestes a tua parte por algum tempo! Apenas um ano! Até nos instalarmos em qualquer sítio...» Futaki explodiu de raiva. «E ainda lamber-te o cu, meu caro amigo?!» Schmidt inclinou-se para a frente, agarrando-se à mesa com a mão esquerda. «Eu nada pediria se tu próprio não

tivesses dito antes que nunca mais daqui saías! Para que queres tanto dinheiro? E é somente por um ano... um ano!... Nós precisamos dele, compreende, nós precisamos dele. Com esta meia dúzia de trapos não vou a lado nenhum, nem se pode comprar uma quinta. Dá-me, ao menos, dez, vá lá!» «Isso não é problema meu!», respondeu Futaki, furioso. «Não me interessa mesmo nada. Eu também não quero apodrecer aqui!» Schmidt sacudiu a cabeça com raiva, quase em lágrimas, reiterou o pedido, teimosamente, e cada vez mais impotente, com os cotovelos sobre a mesa da cozinha, que tremia a cada gesto seu como tomando o seu partido, para que enfim «ele se enternecesse» e cedesse às mãos suplicantes do amigo, e já não faltava muito para abandonar a ideia, quando o olhar deste se ausentou, se prendeu aos raios finos de luz onde vibravam milhões de grãos de poeira, e um cheiro a podre vindo da cozinha lhe invadiu o nariz. De repente, experimentou um sabor amargo na língua, e acreditou que fosse a morte. Depois que a cooperativa fora desmantelada e as pessoas fugiram com a mesma pressa, o mesmo ímpeto com que para ali vieram, e ele — tal como algumas famílias, o doutor e o director da escola, e todos os que, como ele, não sabiam para onde ir — não se mexera, todos os dias vigiava o sabor dos alimentos, não ignorando que a morte começa por se introduzir nas sopas, nas carnes e nas paredes; mastigava demoradamente cada pedaço antes de o engolir, sorvia lentamente cada trago de água ou de vinho, sempre escasso, e por vezes sentia uma vontade irresistível de arrancar um resto de estuque bichado da sala das máquinas da antiga estação de bombagem onde vivia, e saboreá-lo, a fim de reconhecer, no meio desta perturbante anarquia de gostos e sabores, o Sinal, porque estava persuadido de que a morte é apenas uma espécie de aviso, e não esse desesperante não-retorno. «Não peço que mo dê», prosseguiu Schmidt, em tom esbatido. «É um empréstimo. Entendes, meu amigo? Um empréstimo. Dentro de um ano, exactamente um

ano, pago-te até ao último *fillér*<sup>1</sup>.» Sentados à mesa, abatidos, os olhos de Schmidt luziam de cansaço, e Futaki mergulhara no misterioso desenho traçado pelos ladrilhos do chão, modo de não mostrar medo, medo que, aliás, ele seria incapaz de explicar. «Diz-me cá, quantas vezes é que fui sozinho a Szikes, no pino do calor, quando ninguém se atrevia a respirar, com medo de sufocar?! Quem ia buscar a lenha? Quem construiu o curral? Trabalhei no duro, tanto como tu, ou como Kráner, ou Halics! E agora querias, meu amigo, que te emprestasse a minha parte! Quem me diz que nos voltaremos a ver, hã?» «Resumindo, não confias em mim», disse Schmidt, ofendido. «Eu, não!», uivou Futaki. «Combinas dar o golpe com Kráner, decidem escapar-se com o dinheiro antes do nascer do dia, e queres que acredite em ti?! Por quem me tomas? Por um idiota?» Calaram-se. A mulher chocalhava com os pratos no fogão, Schmidt estava desapontado, Futaki enrolava um cigarro com as mãos trémulas, e levantou-se, coxeando até à janela, apoiou-se na bengala, ficou a contemplar a chuva que ondulava sobre os telhados, as árvores que se inclinavam, obedientes, ao sabor do vento, os ramos nus que desenhavam no ar curvas ameaçadoras; pensava nas raízes, no lodo e seus nutrientes, que vinham alimentando esta terra, e nesse silêncio, nessa plenitude sem um ruído, que tanto medo lhe causava. «Nesse caso... diz-me só...!», soltou, numa voz hesitante. «Porque é que voltaram, uma vez que...» «Porquê, porquê!», rosnou Schmidt. «Porque só nos ocorreu quando já estávamos no caminho de regresso. E antes de pensarmos melhor, chegámos aqui, à cooperativa... E havia a minha mulher... Ia deixá-la aqui?...» Futaki assentiu. «E quanto aos Kráner?», perguntou. «O que combinaram?» «Estão enfiados em casa, como nós. Querem ir para norte, a senhora Kráner ouviu falar de uma

1 Centésima parte do *forint*, unidade monetária da Hungria.

serralharia abandonada, ou algo do género, por aí. Quando escurecer, encontramo-nos no cruzamento, como combinado.» Futaki suspirou. «Temos um dia pela frente. E os outros? Halics, o director?...» Schmidt, desanimado, esfregava os dedos. «Eu sei lá! Halics vai provavelmente dormir todo o dia; ontem houve uma grande farra em casa dos Horgos. Quanto ao senhor director, o diabo que o carregue! Se alguma coisa correr mal por culpa dele, atiro com o filho da puta para uma vala, por isso tenhamos calma, meu amigo, muita calma.» Decidiram ficar ali, na cozinha, e esperar a noite. Futaki arrastou uma cadeira até à janela, de forma a vigiar as casas em frente, Schmidt afundou-se no sono e começou a roncar sobre a mesa, a mulher retirou de trás da cómoda um baú metálico, sacudiu-lhe o pó, limpou por dentro e começou, silenciosamente, a embalar alguns pertences. «Chove», disse Futaki. «Ouço», respondeu a mulher. A fraca luz do dia mal rompia os turbilhões de nuvens que corriam para leste; uma penumbra quase crepuscular envolvera a cozinha, tornando difícil saber se as manchas que se desenhavam nas paredes em tons vibrantes eram unicamente sombras, ou marcas de desânimo que se camuflava atrás de pensamentos vagamente esperançosos. «Vou para sul», disse Futaki, contemplando a chuva. «O Inverno aí é mais curto. Alugo uma quinta perto de uma cidade próspera e passo os dias com os pés metidos numa bacia de água quente...» A chuva que deslizava suavemente na vidraça infiltrou-se pelo vão de cima da janela e veio escorrendo pelo alizar até ao peitoril de madeira, onde, a pouco e pouco, encheu todas as fissuras e, abrindo caminho até à borda, se transformou em gotas que começaram a cair nos joelhos de Futaki, o qual, sem se aperceber, tão difícil era regressar lá do sítio onde o seu espírito fantasiava, começou a urinar silenciosamente. «Ou empregome como guarda-nocturno numa fábrica de chocolate... eventualmente porteiro num internato de meninas... E tentarei esquecer tudo, apenas uma bacia de água quente à noite, e sem

fazer nada, ver apenas como se gasta esta vida de merda...» A chuva, que deslizara em silêncio até ali, desatou em torrentes e, como já tinha rompido o dique, inundava agora um solo naufrago e, por sulcos sinuosos, invadia as terras baixas; ele, embora já nada visse através da vidraça, não se movia, fixando-se na ombreira carcomida, onde o gesso se esboroava, quando, de repente, apareceu no vidro uma forma de contornos indecisos, lentamente esboçando um rosto humano, que ele só identificou quando surgiram dois olhos aterrados; viu então «a imagem de um rosto estragado», e reconheceu, estupefacto e chocado, que desse modo iria o tempo diluir os seus traços, tal como escorriam na vidraça: a imagem que se lhe oferecia reflectia uma imensa pobreza, estranha, sobrepondo-se, em camadas iguais, a vergonha, o orgulho e o medo. Imediatamente, sentiu de novo um sabor amargo na língua e recordou as badaladas da manhã, o copo de água, a cama, aquele ramo da acácia, os ladrilhos da cozinha gelados, e franziu-se num trejeito amargo. «Uma bacia de água quente!... Que vá também para o diabo!... Mergulhar os pés todos os dias...» Um grito abafado chegou-lhe aos ouvidos. «O que se passa contigo?» Mas a senhora Schmidt não respondeu, voltando-se envergonhada, sacudida por soluços. «Ouves-me? O que tens?» A mulher olhou-o, mas, como visse que a conversa já era inútil, foi, sem uma palavra, sentar-se no tamborete junto ao fogão e assoou o nariz. «Agora, porque te calas?», insistiu Futaki, teimoso. «Mas que raio se passa contigo?» «É a terra para onde queremos ir!», explodiu a senhora Schmidt amargamente. «A polícia apanha-nos na primeira cidade! Pois não entendes? Nem querem saber dos nossos nomes!» «Que história é essa?», respondeu Futaki irritado. «Tens os bolsos cheios de dinheiro, e tu...» «Por isso é que estou com esta conversa!», interrompeu a mulher. «Por causa do dinheiro! Tu, pelo menos, podias ter algum juízo!... Ir embora... com esta mala miserável... como um bando de mendigos!» Futaki apostrofou-a, furioso: «Ah, já

chega. Essas coisas não te dizem respeito. Não é assunto teu. Calas-te e pronto.» A senhora Schmidt pôs-se direita. «O quê?! O que tenho de fazer?» «Eu não disse nada», respondeu Futaki, baixando a voz. «E fala mais baixo, que vais acordá-lo.» O tempo escorria lento e, para sorte deles, o alarme do despertador há muito que não funcionava, e nem o tiquetaque os despertava, mas a mulher fixava os ponteiros imóveis enquanto, com uma colher de pau, mexia o guisado com paprica; e logo, sem grande vontade, sentaram-se frente aos pratos fumegantes, mas os dois homens, apesar das injunções da senhora Schmidt («Do que estão à espera? Ou querem comer a meio da noite, encharcados até aos ossos na lama?»), nem provaram a comida. Não tinham acendido a luz, e, nesta insuportável espera, os objectos confundiam-se diante deles, as painéis animavam-se junto à porta, os santos mexiam-se nas paredes, parecia-lhes às vezes que alguém estava deitado na cama, e, para se livrarem dessas visões, entreolhavam-se furtivamente, mas os três rostos transmitiam a mesma impotência; sabiam, por outro lado, que não poderiam partir antes que a noite caísse (pois tinham a certeza de que a senhora Halics e o director da escola estavam atrás da janela vigiando a estrada de Szikes, e tanto mais alarmados quanto Schmidt e Kráner estavam atrasados meio dia), mas ora Schmidt, ora a mulher levantavam-se, dispostos a desafiar a prudência e a partir ao anoitecer. «Eles vão agora ao cinema», anunciou Futaki, calmamente. «A senhora Halics, a senhora Kráner, o director e Halics.» «A senhora Kráner?» Schmidt deu um salto. «Onde?» E correu para a janela. «Tem razão. Tem toda a razão», corroborou a senhora Schmidt. «Cala a boca», rosnou Schmidt. «Nada de pressas, meu amigo!», tranquilizou Futaki. «Esta mulher tem muito juízo. Também temos de esperar pela noite, não é? E, assim, ninguém desconfia, não é verdade?» Resmungando, Schmidt voltou a sentar-se à mesa e cobriu o rosto com as mãos. Futaki, com ar abatido, fumava junto à janela. A senhora Schmidt

tirou um cordel do armário, as fechaduras do baú estavam enferrujadas, e, após tentativas vãs, apertou-o solidamente, colocou-o junto à porta, e em seguida foi sentar-se ao lado do marido, cruzando os braços. «De que estamos à espera?», disse Futaki. «Toca a dividir o dinheiro!» Schmidt olhou para a mulher. «Não temos tempo, amigo?» Futaki ergueu-se e sentou-se também à mesa. Esticou as pernas e, coçando o queixo mal barbeado, olhou Schmidt bem nos olhos. «Eu disse para dividirmos.» Schmidt esfregou a testa. «Quando for altura, recibes o teu, não te apoquentes.» «Então, estás à espera de quê, amigo?» «Mas porque insistes? Estamos só à espera que Kráner traga a outra parte.» Futaki sorriu. «A coisa é muito simples. Divide-se agora o que tens. Quanto ao resto, faz-se no cruzamento.» «Muito bem», concordou Schmidt. «Traz cá a lanterna.» «É para já!», a mulher saltou, excitada. Schmidt tirou do bolso de dentro do casaco um pesado envelope ainda húmido, solidamente atado com um fio. «Espera!», interveio a senhora Schmidt, que, com um trapo, limpou a toalha. «Agora, já podes.» Schmidt meteu debaixo do nariz de Futaki um pedaço de papel amassado («O documento», disse. «Para que não julgues que te quero enganar»), o qual, inclinando a cabeça de lado, percorreu rapidamente e disse: «Contemos, então.» A mulher segurava a lanterna, e ele, olhos cintilantes, seguia o caminho de cada nota que deslizava dos dedos rechonchudos de Schmidt e vinha juntar-se ao monte que subia no outro lado da mesa, compreendendo, a pouco e pouco, como nele se volatilizavam restos de cólera, pois «não é nada de espantar que, à vista de tanto dinheiro, um homem perca a cabeça e esteja disposto a tudo para o obter». Sentiu um aperto no estômago, a saliva inundou-lhe repentinamente a boca, o coração começou a palpitar com violência, e, enquanto o montão de notas sujas de suor se fundia nas mãos de Schmidt para crescer ao mesmo ritmo no outro canto da mesa, viu-se ofuscado



pelo feixe trémulo da lâmpada que a senhora Schmidt deliberadamente lançara contra ele, e sentiu uma vertigem, esteve quase a desmaiar, quando a voz rouca de Schmidt lhe chegou aos ouvidos e o trouxe a si: «É a conta exacta.» E ainda mal acabava ele próprio de contar a sua metade, ouviu-se alguém — mesmo debaixo da janela — gritando: «Está em casa, senhora Schmidt, minha querida?» Schmidt arrancou a lanterna das mãos da mulher, apagou-a e, apontando a mesa, sussurrou-lhe: «Esconde isso, depressa!» Como um raio, a senhora Schmidt agarrou no dinheiro, enfiou-o entre os seios, e, em voz quase inaudível, disse: «Se-nho-ra Ha-lics!» Num salto, Futaki coserá-se à parede, entre o fogão e o aparador, distinguindo-se dele apenas dois pontos fosforescentes, como um gato à espreita. «Vai lá fora e manda-a para o raio que a parta!», sussurrou Schmidt, acompanhando-a até à porta; ela parou à entrada, respirou fundo ao sair para o corredor, e pigarreou. «Já vou!» «Se não viu luz, nada está perdido!», sussurrou Schmidt para Futaki, mas nem ele parecia muito convencido, escondido atrás da porta, e tão nervoso que mal se tinha quieto. «Se se atreve a pôr aqui as patas, eu estrangulo-a», pensou, determinado, e engoliu saliva. Sentia que uma veia do pescoço lhe rebentava e a cabeça quase explodia; tentava orientar-se na escuridão, e quando percebeu que Futaki, saindo do seu esconderijo, procurava a bengala, e, indiferente ao barulho que o rodeava, foi sentar-se à mesa, julgou estar a ver fantasmas. «Que merda estás tu a fazer?!», sussurrou, quase inaudível, e gesticulava, descontrolado, para que ele permanecesse em silêncio. Mas Futaki mostrava-se indiferente. Acendeu um cigarro, manteve o fósforo aceso e fez sinal a Schmidt para que... deixasse tudo aquilo, e também ele se sentasse. «Apaga isso, meu sacana!», disse, furioso, encostado à porta, sem se mexer, porque sabia que o menor ruído iria traí-los. Futaki, todavia, ficou impassível, à mesa, absorto nos seus pensamentos, e expirava o fumo do cigarro. «Tudo isto é uma grande

porcaria», pensava ele com tristeza. «Na minha idade... uma loucura assim... alinhar numa coisa destas...» Fechou os olhos, e viu diante de si a estrada nacional deserta, e a si mesmo dirigindo-se à cidade, mísero, cansado, enquanto a cooperativa se afastava cada vez mais, se deixava, muito lentamente, engolir pelo horizonte; foi então que percebeu que, mesmo antes de ter tocado naquele dinheiro, ele já estava perdido, e essa verdade, de que há muito desconfiava, acabava de se confirmar: não só não podia, como também já não queria sair dali, porque ali, ao menos, conseguia esconder-se à sombra de uma paisagem familiar, enquanto além, para lá da exploração, ninguém sabia o que o esperava. Para mais, um instinto obscuro dizia-lhe que as badaladas da manhã, a conspiração contra ele, a inesperada visita da senhora Halics, tudo estava intimamente ligado, estava persuadido de que algo aconteceria, razão pela qual aquela estranha entrevista nunca mais terminava... E a senhora Schmidt ainda sem vir... Chupou nervosamente o cigarro, e, à medida que as volutas o cercavam, a sua imaginação – como um braseiro quase a extinguir-se – de novo incandesceu. «E se esta cooperativa voltasse a ganhar vida? Se viessem novas máquinas, novas pessoas entrassem, e se começasse do zero? Se as paredes fossem reparadas, os edificios caiados, accionada a casa das bombas? E se precisássemos de mecânicos?» A senhora Schmidt, lívida, estava à entrada. «Vá, podem sair», disse numa voz rouca, e acendeu a luz. Schmidt saltou, piscando os olhos. «O que fazes?! Apaga isso! Ainda podem ver!» A senhora Schmidt sacudiu a cabeça. «Deixa lá. Toda a gente sabe que estou em casa. Ou não?» Relutante, Schmidt assentiu e agarrou-lhe o braço. «Então, que há?! Viu luz?» «Sim, foi isso», respondeu a senhora Schmidt. «Mas disse-lhe que estava tão inquieta por ainda não terem voltado que adormeci. E que depois acordei, e, ao acender a luz, a lâmpada rebentou. E que estava precisamente a mudá-la, quando ela me chamou, e por isso a lanterna estava acesa...» Schmidt

pareceu sossegar, mas logo franziu a testa. «E quanto a nós... quer dizer... ela viu-nos?» «Não. De certeza que não.» Schmidt soltou um suspiro de alívio. «Então que raio é que ela queria?» A mulher assumiu um ar de enfado. «Endoideceu», disse calmamente. «Já não era sem tempo», observou Schmidt. «Ela diz...», prosseguiu a senhora Schmidt, hesitante, olhando ora para Schmidt, ora para Futaki, que estava suspenso dos seus lábios, «ela diz que Irimiás e Petrina vêm a caminho... Para aqui, para a exploração! E que... que já estarão talvez na taberna...». Por instantes, nem Futaki, nem Schmidt conseguiram articular uma palavra. «Ao que parece, o revisor do autocarro de longa distância... viu-os na cidade...» A mulher mordeu os lábios, antes de romper de novo o silêncio. «E que... vinham a pé... vinham para a cooperativa... no meio deste tempo horrível... que o revisor os viu ao virar no cruzamento de Elek, onde tem uma quinta, quando regressava a casa.» Futaki deu um salto. «Irimiás? E Petrina?» Schmidt desatou a rir. «Com franqueza, a senhora Halics perdeu de vez o juízo. A Bíblia deu-lhe a volta à cabeça.» A senhora Schmidt ficou imóvel. Estendeu as mãos, impotente, e precipitou-se para o fogão, depois desabou sobre o tamborete e apoiou os cotovelos nos joelhos. «Se isso for verdade...», murmurava ela, e os olhos brilhavam. «Se isso for verdade...» Schmidt interrompeu-a secamente. «Mas eles estão mortos!» «Se isso for verdade...», disse Futaki calmamente, continuando o pensamento da senhora Schmidt. «Então... o filho dos Horgos mentiu-nos simplesmente, mentiu-nos...» A senhora Schmidt levantou a cabeça e olhou para Futaki. «Bem vistas as coisas, foi o único a dizê-lo.» «É isso mesmo», concordou Futaki, cujas mãos trémulas acenderam outro cigarro. «E lembram-se? Na altura, eu até disse que desconfiava daquela história toda... que não me agradava nada. Mas ninguém me deu ouvidos... e eu acabei também por me conformar.» A senhora Schmidt não tirava os olhos de Futaki, como hipnotizada. «Mentiu... Simplesmente...

mentiu, a criança. É fácil de imaginar. *É também muito fácil de imaginar...*» Schmidt, nervoso, olhava ora para ele, ora para ela. «Não foi a senhora Halics que enlouqueceu. Foram os dois.» Nem Futaki, nem a senhora Schmidt responderam. Olharam-se. «Tu perdeste o juízo?!», explodiu Schmidt, e deu um passo na direcção de Futaki. «Velho coxo!» Mas Futaki sacudiu a cabeça. «Não, não, meu amigo... Eu não acredito que a senhora Halics tenha mesmo enlouquecido», respondeu a Schmidt; olhou, de seguida, para a mulher, e anunciou: «Claro que é verdade. Vou à taberna.» Schmidt fechou os olhos e tentou recuperar a calma. «Estão mortos há um ano e meio. Um ano e meio! Toda a gente sabe! Com estas coisas não se brinca. Não engulam essa história! É simplesmente uma armadilha! Entenderam? Uma armadilha!» Mas Futaki já não o ouvia; começara a abotoar o casaco. «Vão ver que tudo entra nos eixos», e a sua voz tão segura mostrava que a decisão era irreversível. «Irimiás», acrescentou com um sorriso, e pousou a mão no ombro de Schmidt, «é um grande mágico. Até com bosta de vaca era capaz de construir um castelo... se quisesse». Schmidt perdeu a cabeça; fora de si, agarrou-se ao casaco de Futaki, puxando-o. «Bosta és tu, meu amigo», rosnou, «serás sempre um monte de estrume, sou eu quem to diz. Tu julgas que eu me deixo levar por essa cabeça de pardal?! Isso não, meu amigo! Não és tu quem vai estragar os meus planos!». Futaki olhou-o calmamente nos olhos. «Nem é essa a minha intenção, amigo.» «E então? O que se faz ao dinheiro?» Futaki baixou a cabeça. «Dividam-no com Kráner. Como se nada fosse.» Schmidt saltou à porta para lhe barrar a saída. «Cretinos!», uivou. «São uns cretinos! Vão para a puta que vos pariu! Mas o meu dinheiro...», e apontou-lhe o indicador, «ponha-o delicadamente em cima da mesa». Lançou um olhar ameaçador à mulher. «Ouves, minha galdéria... Deixas aqui o dinheiro. Entendeste?!» A senhora Schmidt nem se mexeu. Um brilho

estranho, pouco habitual nela, correu-lhe nos olhos. Lentamente, levantou-se, deu alguns passos na direcção de Schmidt. Os músculos do rosto contraíram-se, apertou os lábios, e Schmidt encontrou-se repentinamente diante de um muro de desprezo e de sarcasmo, a tal ponto que, abismado, involuntariamente recuou, e olhou para a mulher, horrorizado. «Tu, aqui, não gritas, meu palhaço!», disse a senhora Schmidt, em voz baixa. «Eu vou-me embora. Tu fazes o que te apetecer.» Futaki coçou o nariz. «Meu amigo», disse, calmamente, «se eles, de facto, vêm, sabes bem que não podes escapar a Irimiás. E então?...». Sem forças, Schmidt foi até à mesa e deixou-se cair numa cadeira. «Um morto que ressuscita!», e ria para si mesmo. «E estão dispostos a engolir esta treta... Ah, ah, ah, deixem-me rir!» Bateu com o punho na mesa. «Não vêm que estão a brincar connosco?! Lá desconfiaram de qualquer coisa, e agora querem enganar-nos... Futaki, meu amigo, tem tu ao menos um pinga de juízo...» Mas Futaki não o ouvia; diante da janela, as mãos cruzadas atrás, disse: «Ainda se lembram? Quando, por exemplo, depois de nove dias à espera de salários, ele na mesma noite...» A senhora Schmidt cortou secamente: «Ele livrou-nos sempre de apuros.» «Malditos traidores! Eu devia desconfiar», rosnou Schmidt. Futaki afastou-se da janela e pôs-se atrás dele. «Se não acreditas em nada», aconselhou, «manda lá a tua mulher... Ela que diga que anda à tua procura, pois não é capaz de imaginar que tu... e por aí fora...». «Mas podes ter a certeza que é isso», acrescentou a mulher. O dinheiro continuava no sutiã da senhora Schmidt, porque até Schmidt estava convencido de que era o lugar mais seguro, e ambos concordaram em reforçá-lo com um cordel, embora fosse difícil sentar a senhora Schmidt, que já se preparava para arrancar. «Bem, então, vou-me embora», disse a senhora Schmidt, que, a grande velocidade, enfiou o impermeável, calçou as botas e desatou a correr, para logo desaparecer na

escuridão, fundindo-se nas sombras da estrada que conduzia à taberna. Evitando as poças de água, nem uma vez se voltou, nem uma vez procurou ver o que deixava para trás: dois rostos deslavados, escorrendo atrás da vidraça. Futaki acendeu um cigarro e pôs-se a exalar o fumo, feliz e confiante; diluíra-se a tensão, sentia-se leve, e os olhos sonhadores varriam o tecto: pensava na casa das bombas, nas máquinas há tantos anos silenciosas e paradas, já as ouvia tossir, gemer de dor antes de arrancar o motor, e era como se um fresco cheiro a mel o envolvesse... quando ouviram abrir a porta da frente, e antes de Schmidt ter tempo de reagir, já a senhora Kráner anunciava: «Eles estão cá! Ouviram?» Futaki acenou, levantou-se e pôs o chapéu. Schmidt, com um olhar esgazeado, caíra prostrado sobre a mesa. «O meu marido», tartamudeava a senhora Kráner, «vem a caminho, pediu-me que os prevenisse, para o caso de não saberem, mas já estão decerto ao corrente, vimos da janela a senhora Halics aqui à porta; bem, vou andando, não quero incomodar, quanto ao dinheiro, o meu marido diz que vá para o diabo, que isso não é nada connosco, foi o que ele disse... e tem razão, andar escondido, fugir a toda a hora, nunca mais poder dormir em sossego, acabou-se, e, depois, Irimiás e Petrina, eu bem sabia que não era verdade, enforquem-me se estou a mentir, eu bem disse que esse filho dos Horgos, sempre porco, tinha um ar duvidoso, o seu olhar não trazia nada de bom, bem vêem, foi ele a inventar toda esta história, e nós acreditámos, eu soube logo desde o início...». Schmidt observou a senhora Kráner com um ar desconfiado. «Então, também estás dentro da jogada, é?», disse ele, e riu secamente. A senhora Kráner ergueu as sobrancelhas, deu meia-volta e, perturbada, saiu porta fora. «Vens, amigo?», perguntou Futaki, demorando-se um pouco à entrada. Schmidt avançou, Futaki foi atrás, coxeando, o vento vergastava-o, revirava-lhe o forro do casaco, e ele tacteando o caminho cego com a bengala,

segurando o chapéu com a outra mão para o impedir de voar para a lama, e a chuva impiedosa misturava os palavrões de Schmidt com estas palavras apaziguadoras, cheias de esperança, que não parava de repetir: «Não te lamentes, meu amigo! Vais ver a rica vida que teremos! A rica vida!»

Numa planície desolada, fustigada pela chuva incessante e pelo vento, ergue-se o que resta de uma antiga cooperativa agrícola, tornada agora cenário cinzento de decadência, ruína e espera. Na taberna local, as moscas zumbem, as aranhas tecem, e os poucos habitantes que ainda ali subsistem, personagens apáticas, alcoólicas, grotescas, bebem e dançam ao som do acordeão. Os tangos sucedem-se a um ritmo infernal, enquanto todos aguardam pela manhã e pelo anunciado regresso do misterioso Irimiás, «o homem das situações desesperadas e pastor de homens sem esperança», dado há muito como morto e promovido a figura messiânica. É nas mãos deste charlatão e na sua falsa boa nova que depositam os seus sonhos e destino.

Romance inaugural e obra-prima de László Krasznahorkai, Prémio Nobel de Literatura 2025, *O Tango de Satanás* é uma parábola universal repleta de simbolismo religioso e político que já alcançou o estatuto de clássico contemporâneo, tendo sido adaptado ao cinema por Béla Tarr.

«Hipnótico, tragicamente cómico, grotesco.

Lê-lo é uma tarefa de resistência com recompensa assegurada.»

**Isabel Lucas, *Público***

«Como obra literária, deixou marca indelével no panorama pós-moderno, elevando o seu autor a sucessor do legado de Franz Kafka e granjeando-lhe o título de “mestre do apocalipse”.»

**Pedro Henrique Miranda, *Sábado***



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

[cavalodeferro](#)

[penguinlivros](#)

ISBN: 978-989-589-858-5



9

789895 896585